

**IDENTIDADE E DISCURSO:
A INFLUÊNCIA DA LEITURA DE MUNDO DO PROFESSOR NA
LINGUAGEM DE ALUNOS DA ZONA RURAL**

*Lúcia Gracia Ferreira**
*Maria das Graças Porto Pires***
*Moisés dos Santos Viana****

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste em analisar como a leitura de mundo feita pelos professores influenciam na linguagem adquirida pelo aluno no meio rural. Como embasamento teórico, revemos os estudos de Bakhtin (1995), Hall (1997) entre outros. A relevância desse trabalho e sua atualidade são perceptíveis pela necessidade de conhecer a linguagem do professor da escola rural, bem como entender que papel o professor representa neste contexto, a partir da sua leitura de mundo e identidade. Para tanto serão abordados dados da linguagem, da cultura e do discurso, relatando uma pesquisa em sua fase inicial. Entendemos que o estudo em questão pode trazer, posteriormente, subsídios teóricos para a reflexão sobre a prática pedagógica na zona rural, sobre a linguagem e a identidade cultural, principalmente, ligadas ao contexto rural.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; identidade; linguagem; sujeito.

Introdução

O presente trabalho nasceu de uma relevância científica, da docência e do desejo de entender a identidade, o discurso do professor e a linguagem dos alunos do meio rural

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

*** Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

de Itapetinga-BA. Sabe-se que a linguagem é construída no seu dia-a-dia, baseando-se na sua necessidade de comunicação. É no contexto que se produz a linguagem e se constrói a identidade, a partir dos referenciais da cultura no qual o indivíduo está inserido. Assim, ocorre o processo identitário do indivíduo, o qual é construído gradativamente por meio das interações sociais estabelecidas em contato com o outro contato com os outros. O outro nesse caso pode ser o interlocutor de um discurso identitário, pois no mais das vezes é o doador de um conjunto de elementos simbólicos, visões de mundo que o estabiliza na realidade, ao menos de forma temporária.

Segundo Ferreira (2010), o professor se configura como um desses agentes que pode influenciar na linguagem que será adquirida pelo aluno, pois, como sujeito sócio-histórico-cultural, pode provocar interferência através da sua visão de mundo e de suas vivências pessoais, pois ele transmite valores ao ensinar. Os professores que lecionam no meio rural são pessoas narram suas identidades em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos e muitos deles não são oriundos da área rural. Não são como os alunos que estão todos juntos numa mesma área geográfica que por sua vez determina os limites das possibilidades de atualização dos valores simbólicos que esse meio encerra – o mundo rural. Cada discente e cada docente tiveram uma vivência e a partir destas construíram uma leitura individual de mundo diferenciada, às vezes oposta, frequentemente conflitantes.

Dessa forma, o professor pode influenciar ou mesmo contribuir na formação, visão de mundo dos alunos, e também na linguagem, mesmo ele representando um elemento “adventício”, isto é, que vem de fora. Para tanto, buscamos analisar o papel que o professor representa no contexto rural, a partir da sua leitura de mundo e identidade e como isso influencia na linguagem escrita adquirida pelo aluno da zona rural de Itapetinga-Bahia, a fim de que os alunos pudessem participar na construção do conhecimento juntamente com seus educadores. Ainda, analisamos a prática pedagógica do professor da zona rural; compreender a concepção de mundo do professor; analisar o processo de produção da escrita do aluno da zona rural. Dessa forma, buscamos responder aos seguintes questões.

amentos: Que papel o professor representa no contexto rural, a partir da sua leitura de mundo e identidade? Como essa leitura de mundo do professor influencia na linguagem escrita adquirida pelo aluno da zona rural de Itapetinga-BA? Essa leitura de mundo do professor inclui a condição de produção de sua linguagem (de seu discurso) e de sua prática pedagógica, as características culturais elementares (crenças, história de vida, costumes, formação), pois o contexto de construção da identidade determina os valores do indivíduo e do grupo. Além disso, passou a ser relevante a apresentação de uma análise da linguagem, sua produção em seu contexto específico e investigar, dentro de um recorte temporal determinado, de acordo com a proposta deste estudo.

A relevância desse trabalho e sua atualidade são perceptíveis pela necessidade de conhecer a linguagem do professor da escola rural do município de Itapetinga-BA e os processos de construção de identidade. Também devido à importância do professor na sociedade contemporânea. Esse estudo ainda possibilita promover uma pesquisa que contemple a situação dos discentes do meio rural, no que se diz respeito a sua visão de mundo, a insuficiência de estudos que contemple a área de educação e professores que atuam no meio rural. A partir de sua concretização, esse possibilitará a construção de novas bibliografias, necessárias, inclusive na área da educação rural, linguagem e identidade de educadores, podendo ainda servir de eixo norteador de outras pesquisas que poderão surgir posteriormente. Portanto, essa investigação torna-se importante pelo fato de presenciarmos uma realidade de diferentes professores que atuam no meio rural, com diferentes visões de mundo. Por isso, entendemos que esse estudo pode trazer, posteriormente, subsídios teóricos para a reflexão sobre prática pedagógica na zona rural, sobre a linguagem e identidade cultural.

Linguagem, Cultura e Discurso

Souza (1995) nos diz que o termo cultura deriva do verbo latino *colere*, que significa “cultivar”; “honrar”; “tomar conta”; e “cuidar”. Assim, cultura inclui um conjunto de conhecimentos, crenças religiosas, arte, moral, direito, costumes que o homem adquire na

sociedade. Assim, o conceito de cultura em seu aspecto mais material e oposição ao natural toma forma de resgate do ser humano das atividades pressupostas ligadas ao mundo selvagem, incivilizado e sem lei ou mesmo primitivo. Tem-se assim uma tentativa de encontrar o “bom selvagem”, ou salvacionista. De toda sorte com os avanços nos estudos antropológicos, conceituar cultura, após a virada linguística, se refere explicitamente ao campo do símbolo, do significado, ou mesmo da estrutura construída pelos signos no campo da linguagem.

A linguagem não é só sócio-histórica e ideológica, é essencialmente cultural, pois recebe a influência do contexto cultural, sendo ela mesma construtora dos elementos culturais, dado que linguagem é um processo simbólico complexo, estritamente humano, mecanismo de formação simbólica, imaterial, amplamente comunitária. Por isso, a “linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão” (SOARES, 2002, p. 16).

Geertz (1989) refere-se à cultura como uma “teia de significados”, extremamente necessária aos seres humanos. É a partir dessa idéia que entendemos a linguagem como produtora de sentidos, pois é pela experiência de mundo vivenciada por cada indivíduo que este vai expressar-se no mundo. A cultura é responsável, por exemplo, por uma consecução da linguagem impregnada por um determinado contexto social, pois o sujeito sociocultural se forma nesse contexto com uma história cultural adquirida através das experiências vivenciadas. Teixeira (1996, p. 183) relata que “os sujeitos sócio-culturais constituem-se, pois, em suas experiências vividas no mundo, pelas quais se fazem a si mesmos e à história humana”.

A história da humanidade é feita pela história humana que se constitui de cultura. O homem como ser cultural traz em sua linguagem uma “bagagem” oriunda da cultura que o “denuncia”, o identifica. O homem se realiza pela cultura. “Ela, por assim dizer, embebe o humano e o define” (SOUZA, 1995, p. 123). A forma de vestir, de falar, de se comportar é linguagem e é fruto de uma cultura. São formas do homem se expressar. O homem se comunica através deles.

A linguagem é uma característica humana. Outros animais a têm de forma bem limitada. A palavra distingue o ser humano que dos outros animais. Pela palavra, o universo adquire um sentido, e o homem pode vir a conhecê-lo, emprestando-lhe significações. Portanto, na raiz de todo conhecimento subjaz a palavra e os demais processos simbólicos empregados pelo homem (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 15 apud SOUZA, 1995, p. 100). É nesse contexto de processo simbólicos que há a interação que se torna contextualmente importante, em uma relação dialética.

Bakhtin (1995) vê a linguagem numa dimensão sócio-histórica, dedicando-se, ainda, à dimensão expressiva da linguagem. Ele valoriza o homem como um sujeito que produz sentido, além de nos levar a reflexão sobre a importância e potencialidade da linguagem. O autor vê a linguagem como fruto das interações material-dialética-histórica. O homem produz a linguagem que é elemento material contextualmente formulada numa cadeia infinita de diálogo. Nesse sentido, “a linguagem é produção humana acontecida na história, produção que - construída nas interações sociais, nos diálogos vivos - permite pensar as demais ações e a si própria, constituindo a consciência” (KRAMER, 1993, p. 103).

Para Bakhtin (1995) a linguagem é compreendida no aspecto ideológico e social. Nesse sentido, entende-se que a linguagem representa conceitos de [comunicação](#), ideias, significados e pensamentos. Na prática educativa, essa linguagem pode ir além das capacidades faladas e escritas, podendo ser representadas por brincadeiras, gestos etc. É importante salientar que os universos discursivos atrelados às múltiplas linguagens permitem o desenvolvimento de práticas multidisciplinares, proporcionando um cenário de compreensão de uma dimensão pluralista e interativa. Nesse sentido, torna-se oportuno citar Ineis Castro Teixeira (1996, p. 184), para quem “a linguagem é um fenômeno plural” e a função interativa da linguagem dá-se por meio do aspecto histórico-social. Ela é transformadora no sentido de constituir a relação entre homem e realidade natural e social. A linguagem nesse turno é o mecanismo ímpar de transmissão cultural, os conjuntos de significados de vida sociais. Pela linguagem, as chamadas formas simbólicas tomam materia-

lidade, visões de mundo, efeitos de sentidos acontecem no meio social (THOMPSON, 2009).

Percebe-se que a linguagem está ligada à questão social, não podendo esta ser dissociada da sociedade, pois ambas se formam concomitantemente. Segundo Orlandi (2001, p. 19), “o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpretação pela ideologia”. Mas, a linguagem não é só sócio-histórica e ideológica, é também cultural, pois recebe a influência do contexto cultural. Para a Análise do Discurso (AD) seguida por Orlandi e influenciada por Bakhtin, a cultura é fruto sócio-histórico e ideológico (superestrutura). Por isso, a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão.

Ao falar em linguagem subentende-se o texto como unidade de análise do discurso e este não se define apenas como a soma de frases (ORLANDI, 2001). O texto deve ser compreendido como algo significante, informacional e ideológico. Ele não é algo acabado, fechado num contexto, pois é formado por um todo que é incompleto. Pela sua incompletude, o texto tem vários sentidos, pois dele são feitas várias leituras. Segundo Cunha (2000, p.33), “somos humanos pela linguagem. Através da linguagem, povoamos nosso imaginário”. É a linguagem que permite todas as coisas acontecerem. Ela faz com que a comunicação exista em todos os âmbitos, inclusive no campo acadêmico e político.

A leitura é aquilo que possibilita ver os dados do mundo. Ao vivenciarmos o mundo nos deparamos com as várias possibilidades de representá-lo e de sermos influenciadores no mundo através das nossas vivências. Nessa perspectiva, a linguagem exerce um grande poder, pois mesmo existindo a linguagem não-verbal, é através da linguagem verbal, mais especificamente, através da palavra que é possível nos expressarmos a todos. A leitura da palavra não implica numa ruptura de contexto com o seu mundo imediato, todavia, realiza-se através de uma interação dinâmica e ininterrupta entre palavra e mundo, teoria e prática. Devemos considerar que “a leitura do mundo precede sempre a leitu-

ra da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela” (FREIRE, 1994, p. 98). Ainda sobre a palavra, Bakhtin manifesta-se:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 1995, p. 41).

Para Bakhtin, a palavra e a língua são quase tudo na vida humana. A palavra é um poço de significação, carregada de ideologia, produzida no campo social. A língua e a fala se interconectam sendo esta usada em sociedade. A palavra tem poder porque é carregada de ideologia, capaz de mudança, na sua estrutura, com poder de dominação, com intenção. Dependendo da forma como a palavra é pronunciada ela poderá ou não se tornar algo que transforma. Althusser (1985) “tematiza a ideologia como um conjunto de relações que ocultam ou representam mal as relações reais, embora ao mesmo tempo designem uma relação vivida, portanto, real” (VAISMAN, 2006, p. 255). Assim, para ele, a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência.

A leitura que o indivíduo faz do mundo é fruto das suas experiências e vivências adquiridas no contexto histórico-social onde vive. Essa leitura reflete as suas ideologias e influencia na construção da identidade. Então, os professores são profissionais com uma identidade cultural que pertence a um grupo com o qual se identifica e essa leitura está, a todo momento, sendo refletida e transmitida na sala de aula. Supõe-se que a leitura de mundo feita pelo professor, possa ser influenciadora na linguagem que será adquirida pelo aluno, pois, ao ensinar, o professor transmite valores que refletem na vida social, cultural e escolar do aluno.

A leitura de mundo que é produzida a partir dos referenciais da cultura no qual é o elemento de construção da identidade. Através dessa identidade, que é cultural, constrói-se a sua concepção de mundo e, assim, a partir de uma vivência individual e coletiva faz-se a leitura de mundo. Segundo Hall (1997, p.8) “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente”. Porém, essa formação se faz não apenas como algo estanque ou parado, mas em um processo móvel, pode-se dizer dialético, narrativo, ou mesmo camuflado em inúmeras camadas de fragmentos de significados em dialética histórica com o meio social, possibilitando assim uma visão de mundo ora ancorado ora seccionado dos processos onde o sujeito está inserido (VIANA; CARVALHO, 2015). Pensar em identidade, assim, é remeter-se ao processo de “dizer sobre si”, não apenas como algo doado e ancorado a estrutura, mas na possibilidade de narrar-se enquanto sujeito ligado a um determinado mundo, ao mundo que se prende a um visão que é doado nos processos de ensino, na linguagem formal, nas práticas de transmissão endoculturais, desde a tenra infância até aos sofisticados processo de mediação informacional.

Portanto, ao estar em contato, na escola, com a oralidade e a escrita, o aluno é envolvido por um contexto cultural que influencia na sua vida escolar, não dando para separar ideologia social, cultura e escola. Elas estão ligadas. Assim, a oralidade e a escrita do aluno estão de acordo com o contexto onde vive e contendo uma bagagem ideológica e cultural. Mas, o professor pode apresentar-se como um agente influenciador da linguagem que será adquirida pelo aluno, provocando mudanças nessas linguagens.

Caminhos: fases da pesquisa

A proposta de investigação que está sendo desenvolvida nesta pesquisa, com vistas a construção de perspectivas para o estudo da linguagem, consiste em analisar como a leitura de mundo feita pelos professores influenciam na linguagem adquirida pelo aluno no meio rural. A referida proposta de pesquisa trata-se de uma investigação qualitativa, pois esta, “[...], envolve a obtenção de dados descritos obtidos do contato direto do pesquisador com a situação estudada” (BOGDAN; BIKLEN, 1986, p. 13).

O estudo está em andamento desde o ano de 2015 e sendo realizado nas escolas da zona rural no município de Itapetinga-BA, localizado na região Sudoeste da Bahia. São participantes deste estudo cinco professores que atuam em quatro escolas, bem como seus respectivos alunos. Nessa zona rural as classes são multisseriadas e as escolas escolhidas atendem alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Neste trabalho, estamos utilizando a abordagem das histórias de vida dos professores, pois acreditamos que através desse tipo de abordagem será possível traçar o perfil dos mesmos, conhecer sua identidade e sua concepção de mundo. Isso porque o trabalho com a história de vida leva a compreensão do sujeito como poderoso agente de mudança de sua própria vida, da alteração do ambiente em que vive e das transformações sociais. Acreditamos que há uma ligação entre a vida pessoal e profissional do professor, pois o conhecimento construído durante a vida se aplica na profissão. Segundo Nóvoa (1997, p. 25), “urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida”. A história de vida de professores significa uma contribuição importante para a formação dos mesmos e para a reflexão sobre a prática pedagógica.

O procedimento para investigação dessa pesquisa está organizado em três eixos. O primeiro consiste no levantamento de dados sobre a história de vida dos professores: seus saberes, valores, costumes, práticas culturais e relações que mantêm com a escola ou famílias. O segundo eixo centra na prática pedagógica, sua linguagem e as condições de produção dessa linguagem. E o terceiro consiste em analisar a linguagem escrita adquirida pelo aluno da zona rural.

Neste momento, pela pesquisa está em seu início, consistimos na realização do levantamento teórico, necessário para fundamentação dos dados. Para a realização da pesquisa de campo, consideramos necessário fazer uso dos instrumentos como entrevista semiestruturada, observação e textos escritos pelos alunos. As entrevistas serão realizadas com os professores, através das quais procuraremos conhecer, mais profundamente, a sua

formação, sua identidade, sua experiência pedagógica, seus saberes e a relação da vida pessoal e profissional dos mesmos. Essas entrevistas serão individuais, gravadas em áudio. Acreditamos que estas questões podem nos fornecer respostas sobre a concepção de mundo dos professores e sua prática pedagógica.

Para complementação do estudo e melhor confiabilidade dos dados também faremos uso de notas de campo através do registro das impressões e constatações da observação, isto é, sobre o que poderá ser observado durante o estudo. As observações diretas e indiretas, nos espaços de atuação desses professores, permitirão identificar as ações das docentes no seu contexto natural e em situações cotidianas, reconhecendo os seus conhecimentos e pontos de vista e, ainda, procuraremos, através dessas, compreender a linguagem dos mesmos e o desenvolvimento de sua prática pedagógica. Ainda os conhecimentos e práticas sociais desses professores, as ligações dos elementos cotidianos às práticas simbólicas construídas (discursos, imagens, posicionamentos), as perspectivas dos sujeitos que formam grupo de professores, seus discursos e linguagens. Através da observação procuraremos conhecer os valores transmitidos pelos professores ao ensinar e o processo de produção da linguagem escrita dos alunos.

Será também através dos textos escritos produzidos pelos alunos que analisaremos a linguagem escrita dos mesmos. A oralidade terá grande importância neste estudo, visto que esta é ponto inicial para a produção escrita. A escrita desses alunos, certamente, já contém características do ambiente em que estes vivem. Portanto, o aluno já entra na escola com uma cultura, uma história, uma identidade que se transforma ao longo de suas aprendizagens. Os textos escritos pelos alunos será objeto de análise da linguagem adquirida por eles, pois o aluno mostra seu conhecimento de mundo também através do texto escrito e a linguagem que vem sendo adquirida por ele. No texto escrito pelo aluno está um conteúdo cultural, por isso supomos que o texto é um importante parâmetro para analisar a linguagem dos mesmos.

Como delimitação do lugar de onde falamos nas ciências da linguagem, a Linguística, mas como ela é composta por vários campos, nossa pesquisa volta-se para os estudos

do discurso. Este será ancorado na teoria desenvolvida pela Análise do Discurso de orientação francesa, mais precisamente nas contribuições advindas de Mikhail Bakhtin. A pesquisa recorre à Análise do Discurso (AD), uma vez que esta pode auxiliar no entendimento das estruturas sociais em que são produzidos os enunciados, a partir do conjunto de bens simbólicos, refletindo também as condições de produção material onde se pode localizar a presença ideológica: “O domínio da ideologia coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali, onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 1995, p. 32).

A coleta dos dados será feita a partir dos instrumentos escolhidos, visando alcançar os objetivos propostos. A análise desses dados será feita a partir do referencial teórico que fundamenta esta pesquisa e, posteriormente, descritos e organizados em categorias articuladas, com vistas a propiciar a compreensão do todo. Em cada categoria buscaremos apresentar os dados da pesquisa, e ao mesmo tempo confrontá-los com os fundamentos teóricos pesquisados, permitindo assim, uma síntese considerável sobre os aspectos abordados.

Considerações Finais

A cultura como extrato de produção humana como rede de significado proporciona a complexa fórmula dialética de formação de identidade dos sujeitos. Tal compreensão pressupõe não apenas entender que isso se faz em um âmbito ideológico, mediado pela linguagem. A linguagem então não é apenas algo estanque, parado, mas móvel, espectral, não pode ser transparente ou neutro, mas especificamente é a matéria-prima para o conjunto que proporciona as construções das identidades dos sujeitos.

A escola como estrutura e os sujeitos professores como agentes dessa estrutura proporciona um tipo de linguagem arraigada em compreensões de mundo. O sujeito da área rural participa da desconstrução dos elementos simbólicos que o compõem e passa a vivenciar novos elementos identitários a partir de uma linguagem descontextualizada desses sujeitos, mas extremamente naturalizados na escola como cultura formal, forma simbó-

licas, ideologia.

IDENTITY AND DISCOURSE: THE INFLUENCE OF THE TEACHER'S READING OF WORLD IN THE LANGUAGE OF COUNTRYSIDE STUDENTS

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze how the reading world made by teachers influence the language acquired by the student in rural areas. As a theoretical basis, we review the studies of Bakhtin (1995), Hall (1997) and others. The relevance of this work and its relevance are noticeable by the need to know the language teacher of the rural school as well as understand what role the teacher is in this context, from its world of reading and identity. For both the language data will be discussed, culture and speech, reporting research in its early stages. We understand that the study in question can bring later theoretical basis for reflection on the pedagogical practice in the countryside, on language and cultural identity, mainly linked to the rural context.

KEYWORD: Speech; Identity; Language; Subject.

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro, 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CUNHA, M. Um olhar sobre a leitura e a escrita. In: VÁRIOS AUTORES. *Um Olhar sobre a Escola*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância, MEC/SEED, 2000.

FERREIRA, L. G. *Professoras da zona rural*: formação, identidade, saberes e práticas. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia-UNEB: Salvador, 2010.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler, em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1994.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 22, n. 2, 1997, p. 15-46.

KRAMER, S. *Por entre as pedras*: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

NOVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NOVOA, A. (Org). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 15-33.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. 6 ed. Campinas, SP. Cortez. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SOARES, M. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. 17 ed. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA, S. M. R. *Um outro olhar*: filosofia. São Paulo: FTD, 1995.

TEIXEIRA, I. C. Os professores como sujeitos sócio-culturais In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e a cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p. 179-194.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VAISMAN, E. Althusser: ideologia e aparelhos de estado – velhas e novas questões. *Projeto História*, São Paulo, n.33, p. 247-269, dez. 2006

VIANA, M. S.; CARVALHO, R. C. Pressupostos da identidade popular: aspectos reflexivos. *Revista Simbiótica*. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES, vol. 2, n. 1, jun., 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/10333>. Acesso em: 30 de Jul. 2015.

*Recebido em 30/10/2015.
Aprovado em 03/12/2015.*